

nova palavra e outras palavras da língua é paradigmática e não, sintagmática.

Quanto à *opcionalidade*, podemos dizer que, com relação ao aspecto produtivo do léxico, os morfemas derivacionais podem ser acionados ou não, de acordo com a vontade do falante. É evidente que o uso de formações derivadas *institucionalizadas* não depende da vontade do falante.

## 2. ANÁLISE DO PROBLEMA

No item 1, procuramos submeter os morfemas que a gramática tradicional chama de flexionais aos critérios estabelecidos por CÂMARA JR. para definir flexão. Esses critérios são: regularidade, concordância e opcionalidade. A questão pode ser resumida no quadro nº1.

QUADRO Nº 1

FLEXÕES	NOMINAIS			VERBAIS			
	Número	Gênero	Grau	Pessoa	Número	Tempo	Modo
Regularidade	+	-	+	+	+	+	+
Concordância	-	-	-	+	+	-	-
Opcionalidade	-	-	+	-	-	-	-

A primeira conclusão a que se pode chegar com relação a esse quadro, é a de que não há concordância entre os critérios, ou seja, eles não são constantes, quando aplicados aos morfemas nominais e verbais. Em decorrência disso, a pergunta que se coloca

é: que critério adotar? Optamos por um dos três critérios expostos por CÂMARA JR., ou vale a pena estabelecer um outro? Não podemos nos esquecer de que em trabalhos anteriores temos demonstrado um compromisso com os princípios gerais da morfologia gerativa. Sendo assim, é conveniente analisar a questão sob o ponto de vista da produtividade, que é, como sabemos, um dos pressupostos básicos do gerativismo.<sup>10</sup> Embora haja muitas discussões em torno do conceito de *produtividade*, cremos poder dizer, com KATAMBA (1993:82), que

conhecer uma língua envolve, entre outras coisas, conhecer as regras de formação de palavras. Os falantes são capazes não só de identificar as unidades significativas que as palavras contêm, mas também de criar novas palavras e de entender os significados de palavras não-familiares que eles nunca encontraram antes.

Veremos, ainda neste item, que a diferença entre a produtividade lexical e a produtividade flexional é apenas uma questão de grau.

A questão se coloca nos seguintes moldes: sob o ponto de vista da produtividade, como se comportam os chamados morfemas flexionais? Dado um substantivo na língua, sabemos que a regra de formação de plural se aplica de maneira exaustiva, podendo-se falar em produtividade total. Nesse caso, além de se falar em produtividade, deve-se registrar que a previsibilidade se realiza com um morfema específico, o -s.

Tal não se dá com o gênero do substantivo. Como ele é explicitado através de determinantes, não cabe aqui falar em produtividade flexional. Nos poucos casos em que o gênero é marcado morfologicamente, como ficou explicitado, a questão está relacionada com a derivação e não, com a flexão. Não se pode, portanto, generalizar e concluir que uma das características do substantivo em português é apresentar flexão de gênero, porque não se pode falar em produtividade e previsibilidade com relação a essa categoria.

Quanto ao grau do substantivo, embora se possa falar em produtividade, não é possível falar-se em previsibilidade com relação a um morfema específico. De fato, dado um substantivo, é possível prever a existência de um substantivo derivado, sufixado, correspondente, em forma de grau afetivo. A forma derivada, porém, não é produzida com um sufixo específico, como se comprova pelos exemplos abaixo:

casa	-	casinha	rua	-	ruela
livro	-	livrão	homem	-	homenzarrão
cidade	-	cidadezinha	lugar	-	lugarejo
janela	-	janelona	gol	-	golaço
livro	-	livreco	pecado	-	pecadilho
boca	-	bocarra	fogo	-	fogaréu
menino	-	meninote	sala	-	saleta
corpo	-	corpanzil	cabeça	-	cabeçorra
barba	-	barbicha	rapaz	-	rapazola
vaga	-	vagalhão			

Pode-se dizer, portanto, que há produtividade com relação ao derivado gradual do substantivo. Por outro lado, não se pode falar em previsibilidade com relação a um morfema específico de grau.

É preciso lembrar também que a produtividade das formas sintéticas de grau é relativa, porque elas são específicas de um discurso distenso. Ratificando as palavras de ROSA (1982:20), já citadas neste trabalho, sabemos que "o grau manifesto por um processo morfológico revela necessariamente emotividade". Conclui-se, portanto, que no discurso tenso, não se pode falar em produtividade de formas graduais sintéticas.

Quanto aos morfemas verbais, a produtividade é total. De fato, dado um verbo, é possível prever a existência de todas as formas consideradas flexíveis do verbo. Além disso, com a conjugação verbal dá-se a previsibilidade com relação a morfemas específicos. Podemos dizer que a desinência modo-temporal do imperfeito do subjuntivo do verbo *aquinhoar*, por exemplo, — bem

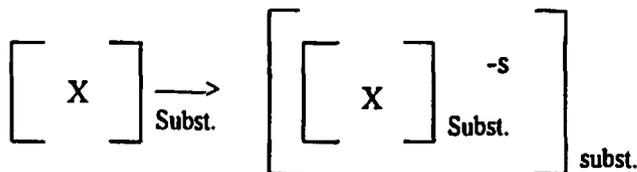
como de todos os verbos do português — será *-sse-*, e a desinência de segunda pessoa do plural do futuro do subjuntivo do verbo *esculpir* e de todos os verbos da língua será *-des*.

Vamos anexar ao quadro nº 1, o critério da produtividade com uma forma específica, que acabamos de apresentar. O resultado está no quadro nº 2.

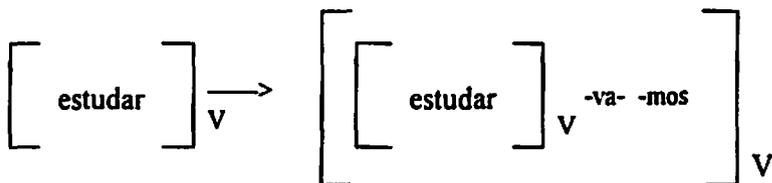
QUADRO Nº 2

FLEXÕES	NOMINAIS			VERBAIS			
	Número	Gênero	Grau	Pessoa	Número	Tempo	Modo
Regularidade	+	-	+	+	+	+	+
Concordância	-	-	-	+	+	-	-
Opcionalidade	-	-	+	-	-	-	-
Produtividade	+	-	-	+	+	+	+

A análise do quadro nº 2 nos conduz à constatação de que não há coincidência entre os diversos critérios apresentados. Como há, de nossa parte, um compromisso com o gerativismo, por acreditarmos que ele apresenta, no momento, o tipo de abordagem mais lógico e eficiente da morfologia, concluimos que o critério da *produtividade com um morfema específico* é o que de maneira mais *percuciente* consegue definir o conceito de componente flexional do português. Sendo assim, consideraremos como flexão o número do substantivo e a pessoa, o número, o tempo e o modo do verbo. De fato, dado um substantivo, é possível acionar, a qualquer momento, a Regra de Formação de Plural, que pode ser formalizada assim:



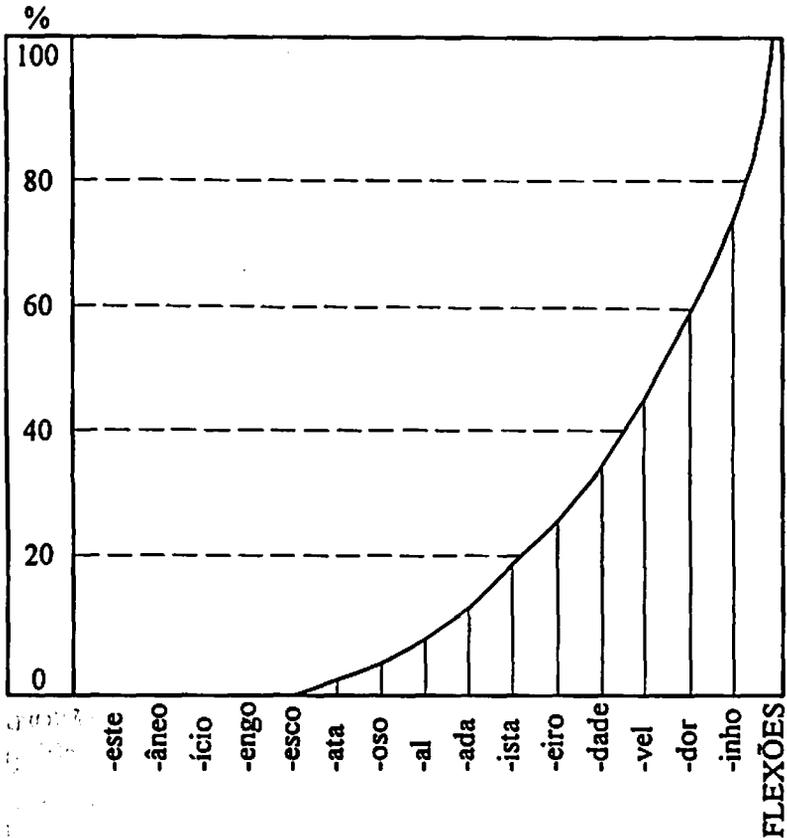
Da mesma maneira, dado um verbo de primeira conjugação, como *estudar*, por exemplo, é possível acionar a seguinte regra de flexão da 1ª pessoa do plural do imperfeito do indicativo:



Observe-se que em ambos os casos a produtividade é total e os morfemas são específicos.

Se a previsibilidade é absoluta no caso do número do substantivo e no caso das desinências modo-temporais e número-pessoais do verbo, pode-se, portanto, falar em produtividade total. Aliás, é esse o ponto de vista de BASÍLIO (1980:19), quando afirma que "regularidades encontradas em sistemas flexionais diferem das regularidades encontradas em sistemas derivacionais apenas numa questão de grau". As palavras de BASÍLIO podem ser ilustradas pelo quadro nº 3. A propósito desse quadro, é necessário dizer que se trata apenas de uma ilustração, sem qualquer compromisso com o rigor dos dados. É interessante observar que, pelo fato de as flexões serem 100% produtivas, a sua anexação às bases não conduz à expectativa de formação de um novo item lexical.

QUADRO Nº 3



Se concordamos com a posição de **BASÍLIO**, de que a diferença entre a derivação e a flexão é apenas uma questão de grau, estamos *ipso facto* contrariando o ponto de vista de **SCALISE**, apresentado no início do trabalho (item 1), segundo o qual as Regras de Derivação são diferentes das Regras de Flexão. Apesar de **SCALISE** (1984 e 1988) ter apresentado vários argumentos para separar os dois tipos de regra, acreditamos que, no caso do português, derivação e flexão sejam o mesmo fenômeno, diferindo apenas numa questão de grau.

Em resumo, pode-se afirmar que o substantivo se flexiona em português com o fim único de expressar o número. O verbo se flexiona com o objetivo de expressar a pessoa, o número, o tempo e o modo. A expressão dessas categorias se faz com morfemas específicos, previsíveis, pré-determinados. Como nesses casos a produtividade é total, e a previsibilidade quanto ao morfema é automática e mecânica, pode-se afirmar que os vocábulos marcados com flexões são variações e não, formas derivadas. Sendo assim, *livros* e *estudávamos*, por exemplo, são variações de *livro* e *estudar*, não se constituindo, portanto, novos vocábulos da língua. Já *livraria* e *estudante* são vocábulos distintos de *livro* e *estudar*, pelo fato de terem sido anexados às bases os sufixos *-aria* e *-(a)nte*. É por isso que nos dicionários — ou na lista de itens lexicais de um falante nativo — *livros* e *estudávamos* não devem ser considerados como entradas distintas, ao passo que *livraria* e *estudante* devem ser registrados como novos verbetes.

### 3. CARACTERIZAÇÃO DO GÊNERO DO SUBSTANTIVO

Vimos no item anterior que o gênero do substantivo não pode ser caracterizado como flexão em português. Sabemos que, dado um substantivo, como *lápiz*, *chão*, *aparecimento*, *alegria*, *boi*, *jacaré*, *genro*, *homem*, etc., não cabe qualquer consideração a respeito da flexão de gênero desses itens, uma vez que eles não apresentam flexionamento relacionado com o gênero. Os poucos, ou mesmo raros casos em que o substantivo apresenta, redundantemente, uma marca morfológica, devem ser considerados antes como uma exceção do que como uma regra na descrição do gênero.

Para uma melhor compreensão do problema, apresentamos em seguida quatro quadros descritivos do gênero do substantivo em português, de acordo com quatro enfoques diferentes.